

LITERATURA E PROVÍNCIA: O UNIVERSO LITERÁRIO DA CIDADE DO NATAL (1861-1889)

Maiara Juliana Gonçalves Silva • Pós-Graduanda em História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: maiara_juliana@yahoo.com.br

Envio em: Janeiro de 2014

Aceite em: Fevereiro de 2014

RESUMO: A história da literatura e do movimento literário na cidade do Natal se encontra ligada ao período republicano (1889-1930). A construção da República na capital do Rio Grande do Norte é apontada, por grande parte da historiografia do estado, como época de florescimento literário. No entanto, os primeiros movimentos que refletiram um movimento literário em Natal, foram identificados no período imperial no ano de 1861 com a aparição do primeiro jornal literário: *O Recreio*. A criação do jornal *O Recreio* influenciou a aparição de outros periódicos voltados para a veiculação da literatura na cidade. Além do surgimento de jornais e de revistas, os anos de 1861 a 1889 em Natal abrigaram a realização de saraus, serenatas e a fundações de grêmios literários, funcionando como espaços que aglutinavam os intelectuais potiguares reunidos com a finalidade de produzir literatura. Portanto, o presente artigo objetiva discutir a irrupção e o desenvolvimento do movimento literário na cidade do Natal durante o século XIX (1861-1889).

Palavras-chaves: Literatura. Intelectuais. Natal. Imprensa. Século XIX.

LITERATURE AND PROVINCE: THE LITERARY UNIVERSE OF NATAL CITY

ABSTRACT: The history of literature and literary movement of Natal city is connected to “Período Republicano” (1889-1930). The Republic construction in the Rio Grande do Norte’s capital city is pointed to, for a majority of the state’s historiography as a literary flowering time. However, the first movements which reflected a literary movement in Nata, were identified in 1961 of “Período Imperial”, with the publication of its first literary journal: “O Recreio”. The creation of this newspaper influenced the emergence of other journals focused on the placement of literature in the city. Besides the appearance of new magazines and newspapers in the mid-nineteenth century, Natal City hosted the performance of soirees, serenades and literary guilds, working as places that gathered potiguares intellectuals with the purpose of producing literature. Therefore, this article aims to discuss the inrush and development of the literary movement in Natal City during the nineteenth century (1861-1889).

Keywords: Literature. Intellectual. Natal. Press. Nineteenth Century.

Rio Grande do Norte. Capital Natal. Em cada esquina um poeta.
Em cada rua um jornal¹

A quadrinha que abre esse artigo se tornou conhecida em fins do século XIX na cidade do Natal. Os versos fazem alusão ao ambiente cultural da capital norte-rio-grandense do período oitocentista. A quadrinha festejava o suposto elevado número de poetas e de periódicos existentes na cidade. Os versos abrem possibilidades para várias interpretações. Podemos conjecturar que a quadrinha reflete uma sátira acerca da quantidade de homens de letras e de seus suportes materiais o que na verdade acusaria a falta de qualidade nos literatos da cidade e em seus jornais. Podemos supor ainda que os versos carregam um sentido irônico na medida em que o ao invés de se festejar a grande quantidade de poetas e de periódicos, era, na verdade, uma gozação à ausência de literatos e literatura na capital.

Ao expor a quadrinha do século XIX no início deste artigo, objetivamos colocar os seguintes questionamentos: a partir de que período podemos falar em construção de um movimento literário na cidade do Natal? Existiu, de fato, uma literatura na província do Rio Grande do Norte? Seria a literatura potiguar apenas uma elaboração do regime republicano? O presente artigo objetiva discutir o movimento literário na cidade do Natal durante o século XIX. Partimos da investigação do momento da irrupção, na capital, das primeiras reflexões em torno da literatura, o que ocorreu ainda no período imperial – segunda metade do século XIX. Nas páginas seguintes discutiremos acerca do conceito de literatura imbricado na mentalidade desses literatos da cidade, do movimento de produções literárias e sobre a fundação de associações voltadas para o exercício das letras na provinciana cidade do Natal.

Antes de iniciarmos tal discussão é pertinente apresentarmos um debate acerca do conceito de *literatura*. Segundo Márcia Abreu, o conceito de *literatura* é proveniente de fins do século XVII. *Literatura*, neste período, era um termo correspondente a conhecimento, e não a um conjunto de obras – definição esta que se aproximaria da concepção moderna de literatura. Logo, o termo emergiu como sentido amplo, abrangendo em sua definição tanto as belas-letas como a ciência e a filosofia, o que promovia, assim, uma ínfima reunião entre diferentes saberes que designariam *literatura*.

Tomamos o estudo que Márcia Abreu elaborou sobre o uso do termo *literatura*, em Portugal. De acordo com a autora, o termo foi dicionarizado pela primeira vez no ano de 1727, no qual *litteratura* foi definido como “erudição, sciencia, noticia das boas letras” (ABREU, 2003, p. 29). Assim como na França do séc. XVIII, em Portugal, o termo, inicialmente, também passou a significar conhecimento. Portanto, o papel dos homens da literatura, ainda no século XVIII, consistia em indivíduos que se apeçavam

não exclusivamente às letras, mas que se estendiam também à ciência e à filosofia. Foi apenas no ano de 1878, em Portugal, que a palavra *litteratura* passou a ser definida em uma concepção mais próxima do seu significado contemporâneo, isto é, articulada à produção, às obras. Observemos sua definição:

LITTERATURA: neste e der. S.f. (do Lat.) Erudição, sciencia, noticia das boas letras, e humanidades: “Homem de grande ____.” *Blut Suppl.* O conjunto das produções literárias d’uma nação, d’um paiz, d’uma epocha: “Os lusíadas são a obra capital da literatura Potuguesa” (SILVA, 1953, p.465).

Com a modificação na definição de *litteratura* incluiu-se, portanto, a noção de saber e de produção. Desse modo, o termo se vinculava não exclusivamente à erudição ou ao conjunto de escritos definidos por afinidades estéticas, mas às obras produzidas em um determinado território e um determinado tempo. O resgate que aqui empreendemos acerca do conceito de *litteratura* na história literária de Portugal é importante para, a partir dele, pensarmos a definição do termo no Brasil e, sobretudo, em termos mais restrito, na cidade do Natal. A literatura no Brasil, durante o século XIX, similarmente carrega o mesmo significado de conjunto de obras de uma época e de um território. No entanto, segundo Márcia Abreu, a nova definição que foi adicionada ao termo não exclui a antiga relação entre *litteratura* e erudição. Àqueles que se ocupavam da *litteratura* eram identificados como homens distintos, pela sua erudição, na sociedade brasileira oitocentista. Desse modo, o conceito de *litteratura* continuou denotando um sentido amplo que abrangia as letras, a ciência, a retórica e a filosofia (ABREU, 2003, p.31).

Desse modo, optamos por utilizar aqui o conceito amplo de literatura identificado por Márcia Abreu para a cidade do Natal durante o fim do século XIX, uma vez que compreendemos ser o termo adequado por englobar um conjunto de escritos e escritores e, sobretudo, pelo conceito refletir o sentido que a literatura representava para esses homens. No que respeita ao conjunto de escritos, podemos mencionar: sermões, ensaios monográficos, biografias, modinhas, discursos, conferências, diálogos filosóficos, caracteres políticos, morais, anedotas, estudos filosóficos, científicos, entre outros. Essa condição que, aglutina escrito diverso, reflete como a literatura estava sendo pensada na cidade do Natal no fim do século XIX e no advento do século XX.

O que nos intriga na historiografia norte-rio-grandense é a atribuição do surgimento do movimento literário na capital Natal como florescimento proporcionado pelo grupo familiar dominante no regime republicano, os Albuquerque Maranhão. Não nos é inédito o conhecimento acerca de discursos que defendem o período republicano como a grande época de florescimento cultural, social e político no estado do Rio Grande do Norte. As descrições da cidade do Natal, durante os séculos anteriores a República, desenham um território inexpressivo, estático e de processo lento. Aqui, de acordo com os discursos criados após o advento do regime republicano, tudo parece ter nascido com a República. O ânimo da pequena capital norte-rio-grandense parece ter sido concedido, sobretudo, após a consolidação do grupo familiar Albuquerque Maranhão e de seus correligionários à frente do governo estadual a partir do ano de 1895.

Indubitavelmente, que, com a construção da República, Natal experimentou implementações diversas: iluminação elétrica, bonde elétricos, políticas sanitárias, projetos urbanísticos, construção de teatros, praças, clubes recreativos, cinemas, cafés, bilhares, entre outros. No entanto, questionamo-nos se essa também teria sido a condição do movimento literário na cidade. A República foi, por excelência, o momento de florescimento das letras potiguares? Mas, e o que veio antes? Seria possível a existência de uma reflexão no que diz respeito à literatura ainda no período imperial no Rio Grande do Norte? Assim sendo, este artigo se propõe a discutir o desenvolvimento do movimento literário na capital norte-rio-grandense no período anterior à construção da República. A ausência de fontes, que pudessem aludir à existência do movimento literário em Natal, dificultou, em parte, a elaboração de uma rica discussão. Ainda sim, esperamos corresponder ao desafio.

1. MOVIMENTO LITERÁRIO NA PROVÍNCIA?

Por que tão cedo gastar-se na política? A idade é de trovas e charadas. Poesia mesmo estropiada é exercício inocente, não amofina ninguém; política.... já tantos a trataram! (O POTENGI, 1865, p. 2)

Identificamos a existência de uma discussão historiográfica local acerca da irrupção do movimento literário na cidade do Natal. Em 1971, a revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) publicou um estudo de Manoel Rodrigues de Melo acerca dos “Grupos literários da Província”. Manoel Rodrigues de Melo, sócio efetivo e 2º secretário do IHG/RN na época, remete a emergência da literatura no Rio Grande do Norte após as grandes lutas de Independência. Segundo o membro do IHGRN, o jornal *O Natalense*², fundado em 1832, demonstrou as primeiras preocupações literárias na capital. Todavia, ainda que o jornal se autodenominava em seu subtítulo “político, moral, literário e comercial”, Manoel Melo ressalta que se tratava de “jornais partidários exclusivamente ocupados com a política local, chegando à conclusão que aquele subtítulo era mais para mascarar o fim essencialmente político do jornal e não para pregar moral e fazer literatura como se propunha. E muito menos para estimular o comércio local” (MELO, 1971, p. 97).

É importante apontarmos para dois pontos presentes na declaração de Manoel Rodrigues de Melo sobre a irrupção da literatura no Rio Grande do Norte. Primeiramente, ressaltamos que a articulação entre jornais e política é uma forte característica da imprensa no século XIX. No período oitocentista, a imprensa periódica brasileira praticou acentuadamente o debate à divergência política, tornando públicas as opiniões políticas e instaurando contundências oposicionistas (MARTINS, 2012, p. 49). Em Natal, a imprensa era dominada por facções políticas liberais e conservadores, ou, em outras palavras, *boticas* e *gameleiras* que fizeram dos seus periódicos os porta-vozes de suas ideias e seus projetos.

Outro ponto a ser enfatizado consiste na relação entre imprensa e literatura. O movimento literário no Brasil está intrinsecamente relacionado à imprensa periódica. É essencial elencarmos previamente a emergência da literatura potiguar por meio da fundação e das publicações em jornais e revistas em circulação pela capital do Rio Grande do Norte. Não obstante, a literatura na imprensa potiguar do século XIX, encontrava-se misturada a outras propostas dos jornais. Ao mesmo tempo em que os redatores dos periódicos promoviam a literatura, estes se interessavam também por política, moral, comércio, sem levar muito em conta as diferenciações. Podemos aferir que, esse caráter literário, na maioria das vezes quando associado a um jornal, sempre carregava relação com outras palavras: político e literário, crítico e literário, noticioso e literário, comercial e literário, científico e literário, humorístico e literário, recreativo e literário... As combinações que envolviam literatura e imprensa podiam ser diversas, o que nos leva a acreditar que o literário unia um variado número de tendências, assuntos, ideologias, desde o período provinciano.

Segundo Manoel Rodrigues de Melo, todo jornal político da Natal provinciana fazia também literatura, “esta entrava, nas folhas políticas, como derivativo, indumento, passatempo, distração do espírito, recreio, jamais como coisa séria” (MELO, 1971, p.99). O autor menciona outros jornais políticos que, assim como *O Natalense* (1832-1837), faziam via de regra literatura, entre eles: *O Publicador Natalense* (1840), *O Nortista* (1849-1851), *O Brado Natalense* (1849), *O sulista* (1849-1850), *O Constitucional Nortista* (1851), *O Clarim Natalense* (1851), *O Argos Natalense* (1851-1852) e *O Jaguarari* (1852). Em contrapartida, o autor também traz a relação de outros jornais que ensaiavam literariamente as letras potiguares, entre eles: *O Professor* (1861), *O Estudante* (1860-1861) e, por fim, *O Recreio* (1861).

Luís da Câmara Cascudo considera os jornais *O Natalense* (1832-1837) e *O Estudante* (1860-1861) como “cúmplices respeitosos nas primeiras letras poéticas impressas” (CASCUDO, 1980, p. 371). Cascudo identifica a emergência do movimento literário na província potiguar “pelo menos a 1861”, com o surgimento do jornal *O Recreio* (1861). Embora tendo uma vida curta de 25 publicações somadas de março a dezembro de 1861, o jornalzinho publicou poemas, crônicas, charadas e enigmas. O periódico se declarava “crítico, poético e noticioso”, o que demonstra uma preferência pela poesia entre os demais gêneros literários. Contudo, retomamos aqui, como exemplo, o sentido de *litteratura* no jornal *O Recreio*, estendendo-se de poemas a charadas. De acordo com Cascudo, o jornal reuniu como colaboradores: João Manuel de Carvalho, Francisco Otilio, Pedro J. de Alcântara Deão, Jesuíno Rodolfo do Rêgo Monteiro, Isabel Urbano Albuquerque Gondim e Lourival Açucena; nomes que nos remete aos primórdios da literatura potiguar. Em suma, para Luís da Câmara Cascudo, o jornal *O Recreio* plantou as bases da literatura Norte-Rio-Grandense.

Manoel Onofre Júnior, em 1997, lançou a obra intitulada *Literatura & Província*. O livro se compõe de uma seleção de ensaios, notas e artigos de sua autoria acerca de escritores e livros publicados no Rio Grande do Norte. Contudo, o primeiro autor e obra selecionada se refere-se poetisa Auta de Souza, que se projetou como escritora a partir do período republicano – mais precisamente a partir do ano de 1894. Juntamente a Auta de Souza, o autor optou por resgatar outros nomes que também compu-

seram as primeiras décadas da vida republicana em Natal como, por exemplo, Ferreira Itajubá, Henrique Castriciano, Jorge Fernandes e Luís da Câmara Cascudo. Manoel Onofre justifica-se:

A meu ver, seria temerário afirmar-se a existência de uma Literatura do Rio Grande do Norte. Desde os tempos de Lourival Açucena (1827-1907) – poesia –, e Luiz Carlos Wanderley (1831-1890) – ficção –, tem havido, isto sim, literatura **no** Estado, notadamente nas cidades de Natal – a capital – e Mossoró. Procuremos ver os valores que se destacaram do contexto provinciano, e, por esta razão, têm presença, de algum modo, na História da Literatura Brasileira (ONOFRE JÚNIOR, 1997, p.9).

Comprendemos que o objetivo do autor tenha sido contemplar em sua obra somente os escritores norte-rio-grandenses que obtiveram projeções na literatura nacional. Mencionamos a obra de Manoel Onofre Júnior a fim de apontar a relação entre literatura e nomes do período imperial na cidade do Natal. Auta de Souza, Henrique Castriciano, Luís da Câmara Cascudo e Jorge Fernandes correspondem a escritores atuantes e projetados durante a República. O termo “Província”, que compõe o título da obra, acabou sendo restringido pelo autor apenas aos nomes de Luiz Carlos Wanderley e Lourival Açucena. Esses sim, verdadeiros homens da Província.

No século XXI, a produção do crítico literário Tarcísio dos Santos Gurgel foi inclusa na historiografia literária norte-rio-grandense. No capítulo *Província: uma flor no sobrenome*, na obra *Informações da literatura potiguar*, Tarcísio Gurgel apresenta Lourival Açucena como “poeta inaugural” e o surgimento da Literatura no Rio Grande do Norte a partir da segunda metade do século XIX, de modo ainda tímido. Segundo o autor, em meio ao cotidiano pasmaceiro e lento da Província, “tornou-se famoso, encontrando acolhedora admiração, quando do surgimento do pioneiro jornalzinho, um poeta chamado Lourival Açucena” (GURGEL, 2001, p.12). O “jornalzinho” mencionado pelo autor corresponde ao periódico *O Recreio*. De acordo com Gurgel, a fama de Lourival passou a declinar no final do oitocentos, articulando o seu desaparecimento tal como a queda da Província. A importância do poeta provincial é atribuída por Gurgel no que respeita ao seu “pioneirismo no cenário lírico de Natal”.

A literatura da Província é resumida a Lourival Açucena que, embora não tivesse chegado a publicar nenhum livro, foi lembrado como pioneiro e ilustre contribuidor, com seus poemas, para a irrupção de uma literatura do Rio Grande do Norte. Parece-nos que, por meio das palavras de Gurgel, todas as manifestações das letras provincianas morreram com a Província. Até mesmo o próprio Lourival Açucena. O autor atribui, ao período da administração governamental da família Albuquerque Maranhão, “um notável florescimento da literatura, do teatro e da música” (GURGEL, 2001, p. 38), na capital norte rio-grandense e as memórias das letras de Lourival Açucena deram lugar aos nomes republicanos de Manoel Segundo Wanderley, Henrique Castriciano, Palmyra Wanderley, Jorge Fernandes, Luís da Câmara Cascudo, Ferreira Itajubá, Othoniel Menezes e Antônio José de Melo e Souza.

O que podemos perceber que há nesses discursos semelhanças e divergências no que diz respeito do aparecimento de um movimento literário na cidade do Natal. Se para Manoel Rodrigues de Melo e Luís Câmara Cascudo podemos falar em uma literatura que nos remete, respectivamente, aos anos de 1832 e 1861, para Manoel Onofre Júnior e Tarcísio Gurgel, a atividade literária potiguar foi percebida a partir das produções e de reconhecimentos dos escritores pós-1889.

Com a construção da República, os homens desse tempo moveram esforços para se fazerem lembrados na memória da cidade. Junto com suas realizações nas estruturas físicas e sociais na urbe natalense também imprimiram suas marcas nas manifestações literárias projetando escritores e escritos e, conseqüentemente, fixaram seus nomes na memória da história literária da cidade do Natal. No entanto, identificamos o desenvolvimento do movimento literário da cidade ainda na segunda metade do século XIX por meio da imprensa periódica. Antes da publicação do jornal *O Recreio* (1861) não identificamos nenhuma menção a um periódico com fins literários, o que justifica a escolha desse período como marco das primeiras reflexões acerca de literatura. Embora que *O Recreio* só tivesse sobrevivido dez meses, o periódico lançou as bases e contribuiu para a difusão do interesse pela literatura entre os demais jornais em Natal. No mesmo ano em que circulou *O Recreio*, surgiu o jornal *O Beija-flor* com a seguinte proposta:

Este jornal, especialmente dedicado à literatura, nos promete apresentar artigos históricos e artísticos, filosóficos e poéticos; louvamos inteiramente os belos sentimentos de uma mocidade desejosa de instrução e somos os primeiros a saudá-la pelo gigantesco passo que deu no caminho da poesia e das letras (*O BEIJA-FLOR* apud MELO, 1971, p. 102).

A partir do artigo de fundo, que o jornal *O Beija-flor* apresentou ao público, reescrito por Manoel Rodrigues de Melo, ressaltamos aqui o entendimento do sentido de *literatura*. Como podemos perceber, por meio das palavras impressas do referido periódico, o termo literatura se estendia a artigos históricos, filosofia, artes e poesias, e ainda se articulava ao caráter instrutivo, formador e educativo. No entanto, *O Beija-Flor* não correspondeu aos seus prenúncios, visto que “chafurdou-se em um lamaçal de insultos e injúrias inqualificáveis” (MELO, 1971, p. 103).

É plausível que *O Beija-flor* não tenha cumprido com sua proposta devido ao envolvimento em debates políticos. A mistura entre literatura e política não foi um caso exclusivo do jornal mencionado. Outros periódicos como *O Progressista* (1862 - 1866), *O Arrebol* (1862), *O Barbeiro* (1862), *O Atalaia* (1864), *O Constitucional* (1872), *O Liberal* (1872) são exemplos de jornais que autointitularam-se “político e literário”, o que evidencia uma dificuldade ainda na separação entre literatura e política na imprensa norte-rio-grandense oitocentista (FERNANDES, 1952, p.20-21). Acreditamos que era necessário a esses periódicos um posicionamento político para serem impressos. Isso porque as oficinas tipográficas responsáveis pela impressão e comercialização da imprensa periódica pertenciam aos grupos políticos potiguares, o que fica mais bem esclarecido no quadro abaixo:

Quadro 01 – Jornais “políticos e literários” e suas tipografias

Nome do periódico	Oficina tipográfica
O Recreio	Tipografia de O dois de dezembro ³ (do Partido Conservador)
O Progressista	Tipografia do Partido Liberal
O Arrebol	Não identificado
O Barbeiro	Tipografia do Partido Liberal
O Atalaia	Tipografia do Partido Liberal
O Constitucional	Tipografia do Partido Conservador
O Liberal	Tipografia do Partido Liberal
O Lírio	Não identificado
A Parasita	Tipografia do Partido Liberal
O Echo Miguelino	Tipografia independente
O Íris	Tipografia independente
O Potengi	Tipografia do Partido Conservador
O Pândego	Tipografia do Partido Liberal

Fonte: Tabela elaborada pela autora

Portanto, tudo leva a crer que a aproximação política estabelecida pelos jornais provincianos era importante para sua circulação na cidade. Em contrapartida, pudemos identificar na imprensa provinciana natalense pequenos jornais com propostas cuja ênfase maior era dada à literatura. No ano de 1870, *O Lírio* anunciava aos seus leitores:

É este o título mimoso com que está sendo publicado nesta cidade um pequeno periódico literário, redigido com esmero por alguns moços esperançosos que assim se ensaiando na imprensa, prestam um serviço importante à Província, implantando nela o gosto da literatura que, no meio dos desgostos e sacrifícios que trazem às lutas políticas, é como oásis no deserto. Nós saudamos com efusão a linda flor que desabrocha tão viçosa e fragrante, e lhe desejamos longa existência, sempre bafejada pelos brandos zéfiros do dia (O LÍRIO apud MELO, 1971, p.107).

A apresentação de *O Lírio* fornece-nos a impressão da dificuldade em se publicar um periódico cujo objetivo único consistisse na promoção de literatura na Província. “Como oásis no deserto”, o referido jornal incentivou o aparecimento de outros pequenos jornais de proposta exclusivamente literária: *A Parasita* (1872), escrito por José Teófilo e Lourival Açucena; *O Crepúsculo* (1875), que reuniu várias produções de Lourival Açucena e Urbano Hermilo de Melo, *O Potengi* (1876-1877), intitulado-se “literário e noticioso”; *O Pândego* (1885), difundia as poesias de Lourival Açucena; *A Luz* (1881), pequeno jornal literário; *A Juventude* (1882), redigido pelos estudantes José Calazans Pinheiro, Melquizedeque Jeová de Albuquerque Lima, Zacarias do Rêgo Monteiro, Joaquim Tinôco, Manuel Tinônico e Argemiro Tinôco; *O Eco Miguelino* (1874) e *O Íris* (1875)⁴.

Os últimos periódicos mencionados, *O Eco Miguelino* (1874) e *O Íris* (1875) merecem uma atenção especial. O primeiro jornal foi fruto do advento da associação literária denominada *Sociedade Miguelina* (1873), da qual eram membros os jovens Joaquim Fagundes e José Teófilo. A *Sociedade Miguelina*, um ano depois de sua fundação, passou a publicar a “revista literária, filosófica e instrutiva *Eco Miguelino*”. Com título alusivo à própria associação literária, o primeiro número do periódico de oito páginas apresentou como proposta:

A mocidade reunida em corpo chamou-se a Sociedade Miguelina, adotou, discutiu e propalou ideias gigantescas; adquiriu adeptos; criou um gabinete literário onde desenvolve tese e pontos-históricos-científicos; e hoje impávida aparece a propagar o adiantamento. O *Eco Miguelino* é, pois, o brado da mocidade natalense acordando do letargo [...] (O ECO MIGUELINO apud FERNANDES, 1952, p. 59).

A *Sociedade Miguelina* expressou, portanto, uma preocupação literária na cidade provinciana. Não apenas externou uma preocupação, bem como a propalou por meio do veículo, por excelência, de difusão: o jornal. Devemos atentar novamente para a ideia de uma literatura articulada à ciência e à filosofia, o que, mais uma vez, pode ser tomado como possível indício da compreensão que se tinha de literatura no final do século XIX em Natal. Quanto a sua impressão, o periódico se distinguiu dos demais. A folha *O Eco Miguelino* era produzida na oficina tipográfica Independente, mesma tipografia responsável pela materialização do jornal *A Luz*⁵. Durante a Questão Religiosa na Província do Rio Grande do Norte, o periódico de Joaquim Fagundes e José Teófilo se aliou à causa maçônica no debate com o bispo olindense Dom Vital e as correntes ultramontanas da Igreja Católica na década de 1870. Como podemos perceber, os representantes da intelectualidade natalense no período imperial, além de se dedicarem à literatura, consonantemente, envolveram-se em debates políticos que reuniram maçons e a instituição católica romana.

Não obstante, *O Eco Miguelino* teve vida curta, só durou quatro meses, paralisando sua circulação em 30 de Novembro de 1874. Apesar da suspensão do periódico da agremiação literária, científica e filosófica, a produção e difusão da literatura já havia ganhado espaço na Província do Rio Grande do Norte. No ano de 1875, o mesmo Joaquim Fagundes de *O Eco Miguelino* passou a publicar, de dois em dois meses, o periódico *O Íris* (1875-1876). Joaquim Fagundes, redator do jornal, escrevia ostensivamente em defesa da mulher, difundido a ideia de que “o gênio não tem sexo”⁶. *O Íris* foi impresso na Tipografia Conservadora e circulou na cidade até o ano de 1876.

Retornaremos às menções aos nomes de Joaquim Fagundes e José Teófilo, indivíduos notáveis na vida literária potiguar que se manifestava desde a segunda metade do século XIX. Deixemos um pouco de lado a discussão sobre literatura na imprensa, por ora, passaremos a nossa segunda perspectiva pela qual podemos contemplar a manifestação literária na cidade do Natal: as publicações literárias e seus autores. Relembremos de outro nome célebre da literatura provinciana, já mencionado pelas discussões historiográficas locais sobre a vida literária em Natal: Luiz Carlos Lins Wanderley (1831-1890).

Luis da Câmara Cascudo identifica-o como “grande expoente da literatura na Província” (CASCUDO, 1980, p. 374). Natural da cidade de Assu, nascido no ano de 1831, Luiz Carlos Lins Wanderley se revelou como primeiro romancista do Rio Grande do Norte. Com formação na Faculdade de Medicina na Bahia (1857) e desempenhando a função de médico no Hospital da Caridade na urbe potiguar, Luiz Carlos Lins Wanderley foi literato. Em 1873, o médico-literato publicou o primeiro volume de o romance *Mistérios de um homem rico*. No entanto, apenas o segundo volume, datado do ano de 1883, foi publicado na província do Rio Grande do Norte. Sua produção literária não parou por aí, Luis Carlos Lins Wanderley também publicou: *Ode A mulher e a rosa*; *A loucura ou o riso da dor*; *Amor de um anjo*; o drama *Os anjos do amor*; a cena dramática em versos *O anjo da meia noite*, a poesia *O premio da viúva*; as narrativas *Impressões de uma viagem* e *Visitas pastoral* e bibliografias (WANDERLEY, 1984, p.12).

Acreditamos que as atividade nas letras foram exercidas pelo médico de Assu nas horas vagas, uma vez que além da atividade profissional de médico, ele também ocupou importantes cargos políticos no Rio Grande do Norte, entre eles: comendador, vice-presidente da Província e deputado estadual da Assembleia Legislativa (1890). Outro nome expressivo nas letras provincianas potiguares foi dona Isabel Gondim. Isabel Urbana Carneiro de Albuquerque Gondim é considerada a escritora mais antiga norte-rio-grandense residente no estado⁷. Nascida em 05 de julho de 1839, na vila de Papari – atual, município de Nísia Floresta – Isabel Gondim se tornou figura notável no ambiente literário da capital desenvolvendo as atividades de poeta, ensaísta, educadora, dramaturga e autora de livros didáticos (CARDOSO, 2010, p. 261).

Assim como no caso de Luís Carlos Lins Wanderley, os esforços de publicação de escritos literários no Rio Grande do Norte, ainda no século XIX, é o que nos chama mais atenção em dona Isabel Gondim. O livro *Reflexões as minhas alunas* teve sua segunda publicação na cidade do Natal no de 1879⁸. A obra, de cunho moralista, analisava os momentos da vida feminina delineados entre a fase escolar da menina à mulher mãe. A obra reproduz a característica de Isabel Gondim como defensora do ensino público para as mulheres.

A condição de sua obra ter sido publicada inicialmente no Rio de Janeiro e, apenas em segunda edição, na cidade do Natal, aproxima a autora de Luis Carlos Lins Wanderley. Reconhecemos as dificuldades de publicação na província do Rio Grande do Norte, no entanto, o que enfatizamos aqui é que essa prática não era nula. Havia literatura, mesmo que em pequeno volume, difundida na cidade do Natal, ora em periódicos, ora em pequenas obras de literatura impressa. Assim como também houve publicações, ainda que se tratasse de segundas edições de obras publicadas pioneiramente fora do Rio Grande do Norte⁹.

Retomemos aqui os já mencionados nomes da província, Joaquim Fagundes e José Teófilo. Ambos literatos fundadores de *O Eco Miguelino*, periódico que revelou um grande poder de penetração no campo das ideias difundido literatura em prosa e em versos. Nascido no ano de 1856, na cidade do Natal, Joaquim Fagundes alcançou reconhecimento como literato, publicando jornais, organizando conferências e escrevendo

e encenando dramas. Não obtivemos informação acerca da ocupação profissional de Joaquim Fagundes, se não as relacionadas às atividades na imprensa. O jovem literato não publicou nenhuma obra literária, no entanto, seu nome é concebido como expressão da literatura na Província. Segundo Henrique Castriciano, Fagundes “é entre nós o verdadeiro tipo representativo da embrionária literatura de então. Excede mesmo e em um muito a cultura do meio, o espírito aberto às grandes correntes modernas da filosofia e da liberdade” (CASTRICIANO, 1913, p.1). Joaquim Fagundes faleceu em 21 de agosto de 1877. Foi figura notável nas letras potiguares de seu tempo.

José Teófilo foi contemporâneo de Joaquim Fagundes, participando igualmente da fundação dos dois periódicos já mencionados. O amigo de Joaquim Fagundes trabalhou como escriturário da Fazenda Provincial, até que em 1874 foi demitido do cargo após publicar artigo no jornal *O Eco Miguelino*, envolvendo-se no debate travado por maçons potiguares e o bispo Dom Vital. Além do trabalho burocrático, José Teófilo desempenhou atividades na imprensa, assumindo cargos de redator e de colaborador nos jornais provincianos literários. O literato faleceu no ano de 1879. Assim como Joaquim Fagundes, José Teófilo não deixou nenhuma obra publicada. Todavia, tornou-se conhecido pela “composição do poema undecassilábico intitulado Marília” (WANDERLEY, 1984, p.12).

O movimento literário na Província do Rio Grande do Norte também conheceu outros nomes: os poetas Antônio Amorim Garcia e Manoel Gomes da Silva, respectivamente, um norte-rio-grandense e um cearense, que colaboravam assiduamente com poesias no jornal *O Liberal*; João Batista da Câmara Açucena; Francisco Herculano A. da Silva; Hermilo de Melo. Ainda que representassem nomes importantes para a constituição de um movimento literário na Província, provavelmente, nenhum desses nomes, foi tão expressivo quanto o de Joaquim Eduvirges de Melo Açucena.

Joaquim Eduvirges de Melo se autodenominou Lourival Açucena, apelido que ficou conhecido depois do mesmo representar o capitão Lourival na peça *O desertor francês*, encenada em Natal. No conjunto de crônicas, *Lourival e seu tempo*, escritas por Henrique Castriciano e publicadas no jornal *A Republica* em 1907, Lourival Açucena é identificado como maior nome de projeção na história da literatura da província do Rio Grande do Norte, emergido em um universo definido por Castriciano como retardamento intelectual. Segundo Henrique Castriciano, o aluno do colégio secundarista Atheneu norte-rio-grandense, aos dozes anos, já cantava modinhas e lundus ao violão. No ano de 1849, trabalhou como porteiro do Correio e, posteriormente, escriturário da Tesouraria, 1º oficial da Secretaria do Governo, aposentando-se como chefe da mesma seção.

Além dos cargos burocráticos, Lourival Açucena ainda “alimentou pretensões políticas” (CASTRICIANO, 1907, p.2). Na administração de Amaro Bezerra, o presidente da Província prometeu a Lourival o cargo de deputado provincial. A promessa não foi cumprida. Segundo Henrique Castriciano, o poeta não foi nomeado deputado provincial diante da condição de boêmio do literato, uma vez que o cargo na Assembleia só seria ofertado “mediante a condição do Sr.(Lourival) não cantar no coro, pois,

como se expressou não tem feito outra coisa senão cantar e tocar nas igrejas, nas ruas, em toda parte” (CASTRICIANO, 1907, p.3). Apesar desse caso entre Lourival Açucena e Amaro Bezerra, o poeta ocupou diversos cargos políticos nas administrações do presidente de Província Gustavo Adolfo e de Nicolau Tolentino¹⁰.

Independente dos cargos ocupados, a maior expressividade do literato foi nas letras. No que respeita à imprensa periódica literária, Lourival Açucena atuou na colaboração dos jornais *O Recreio*, *O Arrebol*, *A Parasita*, *Eco Miguelino* e *O Pândego*. Ainda que Lourival Açucena fosse leitor e admirador de Luís de Camões, dos romancistas brasileiros de seu tempo Bernardo Guimarães e Joaquim Manuel de Macedo, de Eugênio Sue e do poeta português Manuel Maria Barbosa du Bocage, seus versos não seguiram nenhuma escola ou tendência. Segundo Henrique Castriciano, tratava-se de versos únicos. O poeta potiguar “não acompanhou a evolução da intelectualidade brasileira; seguiu, passo a passo, o retardo sentir natalense” (CASTRICIANO, 1907, p.2). Lourival Açucena morreu pobre no ano de 1907. Mesmo com a vasta produção literária veiculada na imprensa provinciana, o literato não deixou publicada nenhuma obra. Vinte anos depois, Luís da Câmara Cascudo reuniu suas poesias no livro póstumo intitulado *Versos*.

Os adventos de uma imprensa periódica, que difundia literatura, e da publicação de obras constituíam, aos poucos, o movimento literário na província do Rio Grande do Norte. Aos dois elementos mencionados, devemos somar a fundação de associações literárias. Luís da Câmara Cascudo identifica a existência de quatro agremiações literárias na cidade do Natal no período imperial: a *1º de Maio*, composta por Godofredo Xavier da Silva Brito, Juvenal Sales, Manuel Garcia, Joaquim Moreira Brandão; o *Comitê literário*, que tinha como membros José Calazans Pinheiro, Diomedes Quintiliano da Silva, Francisco Teixeira de Carvalho, João Batista de Miranda; o grêmio *1º de Março*, reunindo Honório Carrilho, José C. Barbosa, Pedro Nestor, Luís Lobo; e o *Clube Escolástico norte-rio-grandense*, composta por Abdenago Alves, Moura Soares, Ovídio Fernandes e Ezequiel Wanderley (CASCUDO, 1908, p.375).

Curiosamente, cada agremiação literária identificada no período provincial possuía um jornal. As três primeiras associações mencionadas por Cascudo, publicaram, respectivamente, o *Albatroz* (1887), o *Cisne* (1887) e o *Têntamen* (1889). Os periódicos dos clubes literários tanto serviam para refletir as ideias das associações, bem como proporcionar um espaço de divulgação do trabalho de seus membros. Podemos acrescentar às associações literárias mencionadas por Cascudo, a agremiação literária e filosófica, já discutida nesse capítulo, Sociedade Miguelina. Os grêmios literários eram frequentados, em sua maioria, por jovens estudantes secundaristas do Ateneu e das faculdades de Medicina e de Direito do país (CASCUDO, 1971, p.376). Infelizmente não encontramos outros registros sobre as associações literárias provincianas na urbe potiguar. No entanto, é plausível que essas agremiações tenham funcionado como lugar de discussão e fermentação de tendências culturais, despertando para o gosto e para a atividade literária, ainda que concebida como ocupação de lazer.

Outro espaço de aprendizado da cidade provinciana era a Biblioteca Pública Provincial, instituída no dia 8 de março de 1868 pelo presidente de Província Gustavo

Adolfo de Sá. A primeira e única biblioteca pública da cidade – durante o período imperial – foi estabelecida em uma das salas do colégio secundarista Ateneu e mantida sob a guarda da Diretoria Geral da Instrução Pública da Província. De acordo com Manoel Ferreira Nobre, a Biblioteca Pública era mantida pela verba anual destinada pela Assembleia Legislativa Provincial do Rio Grande do Norte e pelo financiamento ofertado por alguns particulares, resultando em “uma boa livraria de todas as ciências” (NOBRE, 1971, p.29).

Nos primeiros tempos de seu funcionamento, segundo os registros de Manoel Nobre, a Biblioteca Pública era “visitada mensalmente por 150 a 200 leitores, conforme consta das participações do respectivo bibliotecário” (NOBRE, 1971, p.31). É possível que a instituição pública destinada à instrução tenha proporcionado maior acesso dos estudantes e professores do colégio Ateneu-Norte Rio-Grandense devido a sua localidade no espaço interno da escola secundarista. No entanto, a sua localização não impedia a frequência de literatos que não participavam do colégio. No mais, fica-nos a impressão da cidade potiguar como uma urbe provinciana de poucos leitores, ou pelo menos, pouco frequentadores dos recintos destinados à leitura e à instrução. Por fim, a Biblioteca Pública sobreviveu por 41 anos e adentrou ao período republicano. Contudo, no dia 25 de novembro de 1909, a instituição foi extinta pelo decreto estadual, nº 277.

No mais, os espaços de fermentação intelectual não ficaram restritos aos grêmios literários fundados e à Biblioteca Pública. Ainda no período provinciano, a cidade do Natal experimentou duas outras formas de manifestações literárias: as serenatas e os saraus literários. As serenatas corresponderam a práticas de declamações de versos acompanhados pelo som do violão realizado pelas ruas da cidade do Natal. O século XIX foi a grande época das serenatas potiguares. A prática de serenatas foi possível devido ao desenvolvimento das modinhas como costume no Rio Grande do Norte. As modinhas eram obras compostas de melodias e de versos. Assumiam características próprias: eram poemas musicados (GALVÃO, 2000, p.14)¹¹.

Se por um lado, durante as serenatas, os poemas eram musicados por homens que teatralizavam sentimentos apaixonados nas janelas da casa de suas amadas, por outro, também eram eloquentes homenagens a amigos. No entanto, apesar de se referirem a uma prática em que se misturavam lazer e música, as serenatas se articulam de modo indissociável à vida literária que vinha se desenvolvendo no Rio Grande do Norte. Nas palavras de Luís da Câmara Cascudo, as serenatas teriam sido “a manifestação inicial literária aqui pelo Nordeste e durante anos a única atividade intelectual, agente e participante nos meandros do coração e da cabeça” (CASCUDO, 1949, p.2).

Em outros registros, a ligação entre modinhas e serenatas e vida literária é mais forte ainda como, por exemplo: “todas as nações têm possuído um cyclo poético proporcional a sua cultura litteraria. A literatura indígena acaba de atravessar o período “dos cantadores” de pé de viola” (BRIAS, 1900. p.4).

A crônica assinada pelo escritor Brias¹², identifica o costume das modinhas em serenatas como fase da literatura norte-rio-grandense. As serenatas reuniram poetas e cantadores devido ao gosto pelas modinhas.

Quando não era pelo apreço à prática, muitos poetas norte-rio-grandenses recorreram, à mencionada prática, movidos por outro interesse: a oportunidade de se tornar conhecido. Enquanto o músico das modinhas encontrava dificuldades em imprimir suas músicas, para o poeta isso não era obstáculo, uma vez que este último “tinha ao seu dispor muitas tipografias e um público consumidor razoavelmente garantido. Logo, era destino do compositor ficar à sombra do poeta” (GALVÃO, 2000, p.16). A maioria das letras das modinhas tinha como tema o amor triste: o amor não correspondido, o amor ausente, a saudade, o amor perdido. E o ser feminino era o seu alvo constante. Algumas vezes, as modinhas também tinham como tema os elementos geográficos. Em poucas vezes, adquiria elementos religiosos. Quer fosse o tema, alguns literatos almejavam ficar conhecidos por meio de suas modinhas publicadas. Os poetas desejavam penetrar no coração do povo com suas “modinhas decantadas ao som do violão, ou nas serenatas acadêmicas, ou nas noutadas familiares ou ‘bailes’. – Moço, as raparigas de sua terra cantam os seus versos. Se o fazem é o Sr. Poeta!” (BRIAS, 1900, p.4).

As práticas de serenatas eram verdadeiras declamações de poesias. Era um festejo provinciano à literatura. Em suma, consistia em encontros, em momentos de socialização na intenção de promover literatura por meio do versejo poético cantado. Concomitantemente, os saraus nas residências compunham o cenário das manifestações literárias provinciais. As famílias norte-rio-grandenses promoviam encontro entre amigos nos âmbitos de suas casas.

Nesses ambientes particulares, a literatura era um dos temas que predominavam nas tertúlias residenciais. Enfatizemos que tanto as serenatas como os saraus literários familiares correspondem a práticas do século XIX, anteriores à construção do período republicano. E foram nessas práticas que encontramos indícios das manifestações literárias na província do Rio Grande do Norte.

Como podemos perceber, as manifestações literárias brotaram na acanhada cidade provinciana desde pelo menos da segunda metade do século XIX. As letras potiguares foram surgindo articuladas à política norte-rio-grandense e, como demonstramos, à sua revelia. Embora o movimento literário provinciano fosse, inicialmente, medido pelo efervescente debate político partidário, emergiu a atividade nas letras. Fazer literatura era diferencial em uma cidade onde predominavam os escritos voltados para as discussões políticas entre liberais e conservadores. Desse modo, a literatura na província natalense emergiu como novidade, inovação, divertimento, àquela que deveria passar distante das constantes discussões políticas alimentadas na cidade.

2. NOTAS

(Endnotes)

1 Quadrinha popular de autoria desconhecida.

2 O jornal *O Natalense* foi o primeiro jornal do Rio Grande do Norte. Fundado em 1832, o periódico despertou o âmbito norte-rio-grandense para a vida na imprensa, por meio dos esforços do Padre Francisco de Brito Guerra. Na ausência de tipografia na Província, o periódico foi impresso, sucessivamente, no Maranhão, no Ceará e em Pernambuco. Apenas em 2 de setembro de 1832, *O Natalense* passou a ser impresso em uma oficina na cidade do Natal, denominada Tipografia Natalense – assim como o nome do jornal. Consultar: FERNANDES, Luiz. *Dicionário da imprensa norte rio-grandense A imprensa periódica no Rio Grande do Norte, de 1832 a 1908*. Natal/RN: Fundação José Augusto: Sebo Vermelho, 1998. P.32

3 O jornal *O Dois de Dezembro* era periódico do Partido Conservador na cidade do Natal, dirigido por Amaro Carneiro Bezerra Cavalcanti.

4 Infelizmente os jornais destacados aqui só foram identificados em fontes bibliográficas que fizeram referências às suas existências. Tudo indica que os periódicos perderam-se no tempo.

5 A *Luz* correspondia ao periódico maçônico dirigido por José Gomes Ferreira, com a colaboração de vários maçons. O jornal foi posto em circulação na cidade do Natal quando a Questão Religiosa refletiu-se na Província. Em suma, a Questão Religiosa na Província do Rio Grande do Norte foi fomentada pelas discussões travadas entre os maçons provincianos e o bispo olindense Dom Vital, após a ex-comunicação do vigário Bartolomeu da Rocha Fagundes. O vigário, que exercia suas funções religiosas na Província desde a década de 1860, foi expulso da Igreja Católica por fazer parte da Loja maçônica 21 de Março – ocupando o cargo máximo (venerável) na instituição maçônica norte-rio-grandense. Mais informações, consultar: SILVA, Maiara Juliana Gonçalves da. *A questão religiosa no Rio Grande do Norte: conflito político entre a Maçonaria e a Igreja Católica no século XIX (1873-1875)*. Trabalho de conclusão do curso de História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2012. p.68.

6 Segundo Manoel Rodrigues de Melo, a frase pertenceu a Madame Stael, isto é a ensaísta e romancista francesa Anne-Louise Germaine Necker (1766-1817). A baronesa de Staël-Holstein adquiriu a reputação de uma das poucas mulheres que incorporaram o espírito iluminista francês.

7 De acordo com a história sobre a literatura feminina no Rio Grande do Norte, Nísia Floresta Brasileira Augusta é considerada a escritora mais antiga do estado. Nascida 12 de outubro de 1810, na mesma cidade que Isabel Gondim, Dionísia Gonçalves Pinto – o verdadeiro nome de Nísia Floresta – mudou-se, com a família, para o estado de Pernambuco e, posteriormente, para o estado do Rio de Janeiro e, finalmente, para Rouen (França) – local onde acaba falecendo em 24 de abril de 1885. Nísia Floresta

veio a óbito sem nunca mais ter retornado ao seu estado natal. Isso explica o motivo de Isabel Albuquerque Gondim ser considerada a escritora norte rio-grandense mais antiga e residente no estado. Para maiores esclarecimentos, ver: CARDOSO, Rejane (Org.) *400 nomes da cidade do Natal*. Natal/RN: Prefeitura Municipal de Natal, 2010. p. 261.

8 Devemos esclarecer que apenas a segunda e a terceira edição de *Reflexões as minhas alunas* foram publicadas na cidade do Natal, respectivamente, nos anos de 1879 e de 1910. A primeira edição do livro foi publicada na cidade do Rio de Janeiro, em 1874.

9 Além de sua atuação na atividade literária na província, Isabel Gondim atuou como professora do ensino primário regendo uma turma de alunos em Papari até o ano de 1866. No mesmo ano, a poetisa instalou sua sala de aula no bairro da Ribeira, onde pode prosseguir com sua atuação profissional ocupando a cadeira de ensino das primeiras letras na capital do estado. A aproximação de Isabel Gondim da prática de magistério não foi novidade. A autora era filha de Urbano Égide da Silva Costa Gondim de Albuquerque, o primeiro professor que atuou como lente no colégio secundarista Ateneu norte rio-grandense entre 1834 a 1838 . Isabel Gondim foi também a primeira mulher eleita sócia do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Norte, participando também como membro do Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco. A escritora faleceu na cidade do Natal em 10 de outubro de 1933. Após a sua morte, e no mesmo ano dela, Isabel teve alguns dos seus poemas reunidos e publicados no livro *A lyra singela* . Consultar: LIMA, Constância. MACÊDO, Diva Cunha Pereira de. Isabel Gondim. In: _____. *Literatura feminina do Rio Grande do Norte: de Nísia Floresta a Zila Mamede - antologia*. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2001. p. 122.

10 Lourival Açucena foi eleitor da paróquia, juiz de paz e delegado de polícia.

11 Segundo Cláudio Galvão, a modinha não consistiu em qualquer tipo de poema musicado. Toda modinha era obrigatoriamente composta por poemas de quatro versos contendo de seis a onze sílabas. Nunca eram sonetos, nem versos alexandrinos.

12 Não identificamos precisamente o dono do pseudônimo Brias.

■ 3. REFERÊNCIAS

3.1. Jornais

BRIAS. Mãe – Henrique Castriciano. **Diário do Natal**. Natal, 3 mar. 1900.

CASCUDO, Luís da Câmara. Serenatas. **A República**. Natal, 13 jan. 1949.

CASTRICIANO, Henrique. Lourival e seu tempo III. **A República**. Natal, 05 jul. 1907.

_____. Lourival e seu tempo IV. **A República**. Natal, 9 jul. 1907.

_____. Lourival e seu tempo V. **A República**. Natal, 16 jul. 1907.

_____. Lourival e seu tempo VII. **A República**. Natal, 20 jul. 1907.

O ECO MIGUELINO. Natal, 4 set. 1874.

O POTENGI. Natal, 5 mai. 1863.

3.2. Bibliografia

ABREU, Márcia. Letras, belas-letas, boas letras. IN: BOLOGNINI, Carmen Zink (Org.) **História da literatura: o discurso fundador**. São Paulo: Fapesp, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Ateneu norte riograndense: pesquisas e notas para sua história**. Natal, 1971. Coleção Juvenal Lamartine.

_____. Musas, canta os poetas e escritores... In: _____. **História da Cidade do Natal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília; INL; Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1980. Cap. XL.

CARDOSO, Rejane (Org.). **400 nomes da cidade do Natal**. Natal/RN: Prefeitura Municipal de Natal, 2010.

FERNANDES, Luiz. **Dicionário da imprensa norte rio-grandense: A imprensa periódica no Rio Grande do Norte, de 1832 a 1908**. Natal/RN: Fundação José Augusto: Sebo Vermelho, 1998.

GALVÃO, Cláudio Augusto Pinto. **As modinhas norte rio-grandense**. Recife/PE: Editora Massangana, 2000.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da Literatura Potiguar**. Natal: Argos, 2001.

LIMA, Constância; MACÊDO, Diva Cunha Pereira de.; GONDIM, Isabel. In: _____. **Literatura feminina do Rio Grande do Norte: de Nísia Floresta a Zila Mamede - antologia**. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2001. P. 122-125.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza. DE LUCA, Tânia Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MELO, Manoel Rodrigues de. Grupos literários da Província – Natal. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro/RJ: editora Pongetti, 1971. Vol. LVI, LVII e LVIII.

NOBRE, Manoel Ferreira. **Breve notícia sobre a Província do Rio Grande do Norte: baseada nas leis, informações e fatos consignados na história antiga e moderna**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1971.

ONOFRE JÚNIOR, Manoel. **Literatura & Província**. Natal: EDUFRN, 1997.

SILVA, Antonio Moraes Silva. Litteratura. **Diccionario da Lingua Portuguesa**. Lisboa: Confluência, 1953, p. 465.

SILVA, Maiara Juliana Gonçalves da. **A Questão Religiosa no Rio Grande do Norte: conflito político entre a Maçonaria e a Igreja Católica no século XIX (1873-1875)**.

Trabalho de conclusão do Curso (Graduação em História)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2012. 110p.

WANDERLEY, Ezequiel. **Poetas do Rio Grande do Norte**. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1984.